

Interpretação de pronomes fortes e clíticos em português L2*

Alexandra Fiéis & Ana Madeira
CLUNL/FCSH-UNL

Abstract:

This study investigates whether L2 learners of Portuguese show difficulties in the interpretation of reflexive and non-reflexive strong and clitic pronouns, and whether there are asymmetries in the establishment of referential dependencies with the reflexive 'si' in local and long-distance contexts. The study is based on three truth-value judgement tasks and the participants are Chinese-speaking intermediate learners of L2 European Portuguese. The results show that the grammatical status of the pronoun is relevant in the case of reflexives, with learners exhibiting difficulties particularly in the interpretation of reflexive strong pronouns. Moreover, in biclausal contexts, they are more accurate in accepting coreference between 'si' and long-distance antecedents than with local antecedents. It is suggested that this behaviour may result not only from L1 transfer but also from the strategies adopted by learners to cope with the processing complexity arising from the ambiguity of these contexts.

Keywords: pronouns, anaphor, binding, coreference, L2 European Portuguese.

Palavras-chave: pronomes, anáfora, ligação, correferência, português europeu L2.

1. Introdução

Neste trabalho, investigamos se se observam dificuldades na interpretação de pronomes fortes e clíticos em posição de complemento em português europeu (PE) L2, e se há evidência de assimetrias no estabelecimento de relações de dependência referencial em contextos com dois potenciais antecedentes para o pronome reflexo, um local e um de longa distância. Em particular, pretende-se saber se o estatuto do pronome (forte/fraco) e a posição do antecedente (local/não local) são relevantes na interpretação de pronomes na interlíngua de falantes de chinês L1, uma língua que não possui pronomes clíticos e permite ligação de longa distância.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: na secção 2, apresentam-se alguns trabalhos sobre a aquisição de dependências referenciais em L1 e L2; na secção 3, descreve-se

* Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/LIN/UI3213/2014. Agradecemos a todos os informantes que participaram no estudo, bem como aos professores do Curso de Língua e Cultura Portuguesa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pela colaboração prestada na recolha de dados. Agradecemos ainda à Stéphanie Vaz, à Margarida Tomaz e à Cláudia Martins pela recolha dos dados.



a metodologia (tarefas, procedimentos, participantes e hipóteses) e os principais resultados do estudo; e, finalmente, na secção 4, discutem-se os resultados, e apresentam-se algumas conclusões e pistas para trabalho futuro.

2. Aquisição de dependências referenciais em L1 e L2

Alguns trabalhos revelam a existência de assimetrias na aquisição de pronomes em L1. Por exemplo, Chien & Wexler (1990) mostram que, na aquisição de inglês L1, as crianças apresentam assimetrias na compreensão de pronomes reflexos e não reflexos (1), exibindo dificuldades na compreensão das formas não reflexas, que, à semelhança das formas reflexas, recebem por vezes uma interpretação anafórica.

- (1) a. John_i washed himself_i
b. John_i washed him_i

No caso do PE L1, não se observam assimetrias entre clíticos reflexos e não reflexos (Silva, 2015). Existem, sim, assimetrias na interpretação de pronomes fortes reflexos e não reflexos. Silva (2015) mostra que, em contextos preposicionais (em que o pronome é sempre forte), aos seis anos de idade, as crianças apresentam ainda juízos diferentes dos dos adultos no que diz respeito à interpretação de formas não reflexas, exibindo uma maior aceitação de correferência com o sujeito da oração (o que deveria ser excluído pelo Princípio da Ligação B) e uma menor aceitação da leitura de referência disjunta (cf. (2)).

- (2) a. O menino_i apontou para si_i
b. O menino_i apontou para ele_i

Note-se, no entanto, que os pronomes fortes não reflexos exibem opcionalidade nas gramáticas de falantes adultos de EP, podendo ter uma interpretação reflexiva,¹ a qual pode ser reforçada pela expressão anaforizante ‘mesmo’ ou ‘próprio’, como se mostra em (3):

¹ Veja-se, por exemplo, o estudo de Silva (2015), em que os controlos adultos apresentam uma taxa de aceitação de interpretação de correferência de 20%. Assumindo uma sugestão de um avaliador anónimo, podemos considerar que estes juízos correspondem a uma interpretação de “correferência acidental” (Lasnik, 1976) ou “correferência pragmática” (Partee, 1978) do pronome não reflexo.



- (3) a. Um pirata e um elefante. O pirata_i está a tocar nele_{i/j}?
 b. Um pirata e um elefante. O pirata_i está a tocar nele mesmo_{i/*j}/próprio_{i/*j}?

Estas assimetrias poderão estar relacionadas com o estatuto gramatical dos pronomes e com as diferentes condições de legitimação a que estão sujeitos. O facto de as dificuldades se observarem particularmente com pronomes fortes não reflexos sugere que se devem a problemas com o estabelecimento de relações de correferência (que envolve conhecimento semântico e pragmático), e não de ligação (que é determinada por condições sintáticas). Além disso, se assumirmos (de acordo com Grolla, 2006) que os pronomes fortes não reflexos são inseridos pós-sintaticamente e requerem uma operação complexa de comparação entre estruturas alternativas, os problemas que as crianças apresentam até tarde na interpretação destes pronomes poderão ser atribuídos a dificuldades de processamento.

No caso da aquisição de L2, vários estudos revelam a existência de padrões de desenvolvimento idênticos aos observados na aquisição de L1, com atrasos na aquisição das propriedades dos pronomes fortes não reflexos (e.g. Shirahata, 2007; Kim, Montrul & Yoon, 2014). Também à semelhança do que se observa na aquisição de L1, a interpretação de pronomes clíticos não parece levantar dificuldades aos aprendentes de L2.

Por exemplo, num estudo anterior com falantes nativos de inglês, chinês e espanhol (Fiéis & Madeira, 2016), mostrámos que o conhecimento das dependências referenciais que envolvem clíticos reflexos e não reflexos em PE L2 se desenvolve precocemente, mesmo quando a L1 dos aprendentes não possui pronomes clíticos, como é o caso do chinês. Em frases simples com um único argumento (mas com dois antecedentes potenciais acessíveis no contexto discursivo), os falantes de chinês L1, de nível intermédio, não revelam dificuldades na compreensão de clíticos reflexos (87.1%) e não reflexos (95%), o que demonstra conhecimento dos princípios de ligação A e B.

Por outro lado, há evidência de assimetrias na interpretação de pronomes fortes. Por exemplo, Kim et al. (2014), com base numa tarefa *online*, mostram que aprendentes de inglês L2 (coreano L1) de nível avançado não têm dificuldades na interpretação de pronomes reflexos (4a, b), que tendem a receber uma interpretação alvo, revelando-se os não reflexos (4a', b') como mais problemáticos, particularmente em contextos *picture of NP* (nos quais, em coreano, o pronome pode seleccionar quer um antecedente discursivo quer um antecedente local; note-se



que o mesmo sucede em inglês, embora, nesta língua, os falantes nativos prefiram claramente antecedentes discursivos).

- (4) a. Look at Goofy. Have Mickey touch himself.
a'. Look at Goofy. Have Mickey touch him.
b. Look at Goofy. Have Mickey touch a picture of himself.
b'. Look at Goofy. Have Mickey touch a picture of him.

(Kim et al., 2014:15)

Neste estudo, Kim et al. (2014) atribuem esta assimetria na interpretação de reflexos e não reflexos à dificuldade de integração de conhecimento sintático e discursivo necessário à interpretação de pronomes não reflexos.

Segundo estes autores, nos contextos de *picture of NP*, as estratégias que os falantes não nativos adotam na interpretação de pronomes não reflexos (que resultam na seleção tanto de antecedentes locais como de antecedentes discursivos para os pronomes nestes contextos) são influenciadas pela sua L1; neste caso, as dificuldades de processamento associadas à ambiguidade que decorre destas estruturas propiciam a transferência das propriedades interpretativas que caracterizam os pronomes na L1.

Quanto a contextos de longa distância, existe evidência de que, na aquisição de L2 de línguas como o chinês, que permitem ligação de longa distância (cf. (5)), falantes nativos de línguas como o inglês, que só possui ligação local, apresentam dificuldades na interpretação de reflexos nestes contextos, manifestando uma preferência clara pela seleção de antecedentes locais (e.g., Yuan, 1998; Sperlich, 2013).

- (5) Zhangsan_i renwei Lisi_j xiangxin ziji_{i/j}.

Zhangsan think Lisi trust self

(Yuan, 1998:324)

Em (5), o reflexo 'ziji' pode ter como antecedente um sujeito local ou não local, o que gera ambiguidade. Na ligação de longa distância, para que se possam qualificar como potenciais antecedentes da anáfora, todos os NPs intervenientes têm de concordar em pessoa e número; para além disso, o antecedente de 'ziji' tem de ser animado (Sperlich, 2013). Este autor mostra



também que, em frases complexas sem um contexto prévio, como em (5), falantes nativos de chinês apresentam idêntica preferência por antecedente local e não local para a anáfora.

De igual modo, Domínguez et al. (2012), recorrendo a uma tarefa de seleção de imagens, mostram que, na aquisição de inglês L2, falantes de coreano (que também permite ligação de longa distância com a anáfora ‘casin’ em contextos como o ilustrado em (6)) apresentam atrasos na aquisição das restrições de localidade das anáforas em exemplos como (7) (em que os aprendentes de nível intermédio (baixo) registam taxas de aceitação baixas do antecedente local):

- (6) Maryi-ka Susanj-i **casini**/j-ul wenmangha-n-ta-ko sayngkakha-n-ta.
 Mary-NOM Susan-NOM self-ACC blame-PRES-DC-COMP think-PRES-DC
 ‘Maryi thinks that Susanj blames herselfi/j.’
 (Lee, 2008:99)
- (7) Mr. Mask dreamed that Mr. Hat shot himself
 (Domínguez et al., 2012:22)

De facto, estes dados mostram que, quando as L1 e L2 dos aprendentes apresentam diferentes propriedades relativas à ligação de longa distância, se observam dificuldades na interpretação de anáforas. Em estudos em que se compara o desempenho de falantes cujas L1s têm propriedades diferentes no que toca à possibilidade de ligação de longa distância (e.g., Yuan, 1998, que compara falantes nativos de inglês e japonês – o japonês também permite ligação de longa distância – a adquirirem chinês L2; e Sperlich, 2013, que compara falantes de inglês e coreano L1 a adquirirem também chinês L2), verifica-se que a L1 tem um efeito facilitador.

Como tal, resta perceber se este efeito se observa também em casos em que a L1 e a L2, embora possuindo ambas ligação de longa distância, são línguas tipologicamente diferentes, como é o caso do chinês e do PE.

A ambiguidade potencial que se observa nos exemplos do chinês e do coreano em (5) e (6) acima, respetivamente, também se encontra em PE. Assim, a forma ‘si’, em PE, pode comportar-se como anáfora local ou pronome de segunda pessoa do singular (cf. (8a)), ou ainda como anáfora de longa distância, orientada para o sujeito (cf. (8b-c)).



- (8) a. A Maria_i falou mal de si_{i/j}.
b. A Maria_i soube diretamente do João_j que alguém tinha falado mal de si_{i/*j}.
(Brito, 2003:814)
c. A Maria_i disse que o João_j falou mal de si_{i/j}

A possibilidade de ‘si’ poder comportar-se como anáfora local ou de longa distância pode trazer problemas na identificação do antecedente, podendo recorrer-se à expressão anaforizante ‘mesmo’ ou ‘próprio’, no sentido de desambiguar (cf. (9)).

- (9) a. A Maria_i disse que o João_j falou mal de si mesma_i.
b. A Maria_i disse que o João_j falou mal de si mesmo_j.

Tendo em conta esta semelhança entre o PE e línguas como o chinês (ou seja, línguas com anáforas de longa distância), importa perceber como é que os aprendentes de PE L2, falantes de chinês L1, interpretam as anáforas em contextos potenciais de longa distância em PE.

3. O estudo

Neste trabalho, pretendemos investigar a aquisição de dependências referenciais envolvendo clíticos e pronomes fortes em PE L2. Em particular, pretendemos verificar se se observam assimetrias, na interlíngua de falantes de chinês L1, na interpretação de pronomes reflexos e não reflexos, por um lado, e na interpretação de anáforas com antecedentes locais e de longa distância, por outro.

Assim, é objetivo deste trabalho determinar se os aprendentes de PE L2, falantes de chinês L1, uma língua sem clíticos e com ligação de longa distância: 1) apresentam dificuldades na interpretação de pronomes clíticos, reflexos e não reflexos; 2) apresentam dificuldades na interpretação de pronomes fortes, reflexos e não reflexos; e 3) se têm problemas com as condições que determinam o estabelecimento de relações de ligação com antecedentes locais e de longa distância envolvendo o pronome ‘si’ .



3.1. Metodologia

Utilizaram-se, neste estudo, três tarefas de juízos de valor de verdade (adaptadas de Silva, 2015). As tarefas 1 e 2 testam compreensão de pronomes clíticos (acusativos) e pronomes fortes de objeto (3ª pessoa do singular), respetivamente, com verbos transitivos em frases simples. A tarefa 3 testa compreensão de pronomes reflexos em contexto de frase complexa, ou seja, com dois potenciais antecedentes para o pronome. Descrevem-se, nos pontos seguintes, as tarefas, os procedimentos e os participantes do estudo, e apresentam-se as hipóteses.

3.1.1. Tarefas

Como foi referido, as tarefas utilizadas neste estudo foram adaptadas para adultos a partir de Silva (2015). Na tarefa 1, testou-se a compreensão de pronomes clíticos em contexto de frase simples e, na tarefa 2, foi testada a compreensão de pronomes fortes também em contexto de frase simples. A tarefa 1 era composta por 40 itens de teste: 20 continham o pronome reflexo ‘se’ (10 verdadeiros e 10 falsos) e 20 continham pronomes não reflexos masculinos e femininos (10 verdadeiros e 10 falsos). A tarefa 2 também era constituída por 40 itens de testes: 20 com o pronome forte reflexo ‘si’ e 20 com pronomes fortes não reflexos masculinos e femininos; todos os pronomes fortes ocorriam na posição de complemento de uma preposição; metade dos itens em cada condição correspondia a imagens que favoreciam uma leitura anafórica do pronome (de correferência com o sujeito) e metade correspondia a imagens que favoreciam uma leitura não anafórica (de referência disjunta do sujeito). Em cada tarefa, foram ainda utilizados 16 distratores, que continham DPs plenos.

Na tarefa 3, testou-se a compreensão do clítico reflexo ‘se’ e do pronome forte reflexo ‘si’ em frases complexas. Esta tarefa era composta por 44 itens (24 itens de teste e 20 distratores) e foram utilizados DPs com o mesmo género e número. Foram testadas as seguintes condições: clítico com antecedente local (n=6), clítico com antecedente não local (n=6), pronome forte com antecedente local (n=6) e pronome forte com antecedente não local (n=6). Utilizaram-se distratores com DPs plenos, 4 “verdadeiro” e 16 “falso”, para garantir o mesmo número de itens verdadeiros e falsos (uma vez que, em 18 itens de teste, se esperava uma resposta de “verdadeiro” e, em 6, uma resposta de “falso”).



Exemplificam-se a seguir os itens de teste utilizados para as condições testadas na tarefa 1: (A) resposta verdadeira com clítico reflexo; (B) resposta falsa com clítico reflexo; (C) resposta verdadeira com clítico não reflexo (acusativo); e (D) resposta falsa com clítico não reflexo (acusativo).

(A)



Uma rapariga e uma avó. A rapariga está a lavar-se?
Clítico reflexo (verdadeiro) [n=10]

(B)



Uma rapariga e uma avó. A rapariga está a secar-se?
Clítico reflexo (falso) [n=10]

(C)



Uma avó e uma rapariga. A avó está a penteá-la?
Clítico não reflexo (verdadeiro) [n=10]

(D)



Um rapaz e um avó. O rapaz está a secá-lo?
Clítico não reflexo (falso) [n=10]

Na tarefa 2, em que se testavam pronomes fortes em frases simples, foram utilizados os seguintes itens: (E) pronome forte reflexo com leitura de correferência com o sujeito; (F) pronome forte reflexo com leitura de referência disjunta do sujeito; (G) com pronome forte não reflexo com leitura de referência disjunta do sujeito; e (H) pronome forte não reflexo com leitura de correferência com o sujeito.

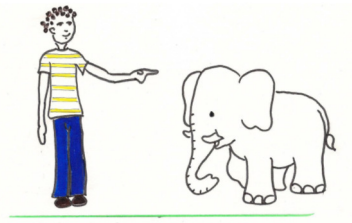


(E)



Uma avó e uma joaninha. A avó está a apontar para si?
Pronome forte reflexo (correferência com o sujeito)
 [n=10]

(F)



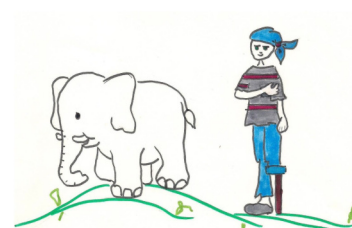
Um rapaz e um elefante. O rapaz está a apontar para si?
Pronome forte reflexo (referência disjunta do sujeito) [n=10]

(G)



Uma avó e uma joaninha. A avó está a apontar para ela?
Pronome forte não reflexo (referência disjunta do sujeito)
 [n=10]

(H)



Um pirata e um elefante. O pirata está a tocar nele?
Pronome forte não reflexo (correferência com o sujeito) [n=10]

Finalmente, para testar condições de localidade com o clítico reflexo ‘se’ e o pronome forte reflexo ‘si’ em contexto de frase complexa, utilizaram-se os itens de (I) a (L): (I) resposta verdadeira com clítico com antecedente local; (J) resposta falsa com clítico com antecedente não local; (K) resposta verdadeira com pronome forte com antecedente local; (L) resposta verdadeira com pronome forte com antecedente não local.

(I)



Um rapaz e o avô. O avô acha que o rapaz está a secar-se?
Clítico reflexo com antecedente local (verdadeiro)
 [n=6]

(J)



Um rapaz e o avô. O rapaz acha que o avô está a secar-se?
Clítico reflexo com antecedente não local (falso) [n=6]



(K)



Uma rapariga e a avó. A avó acha que a rapariga está a tocar em si? Pronome forte reflexo com antecedente local (verdadeiro) [n=6]

(L)



Uma rapariga e a avó. A avó acha que a rapariga está a tocar em si? Pronome forte reflexo com antecedente não local (verdadeiro) [n=6]

Note-se que os antecedentes potenciais eram sempre introduzidos, no contexto discursivo, e correspondiam às duas figuras que eram apresentadas na imagem.

3.1.2. Procedimentos

Os participantes realizaram as três tarefas em grupo, numa única sessão, sem tempo limite de realização. As tarefas foram administradas por um investigador, numa sala de aula na instituição de ensino em que os participantes frequentavam aulas de português. Os itens foram aleatorizados e, para cada item, os participantes observavam uma imagem projetada e ouviam um estímulo oral (dito pelo investigador) que era também apresentado por escrito na folha de resposta, seguido de um retângulo branco. Pedia-se aos participantes que preenchessem os retângulos brancos com SIM (S) ou NÃO (N), conforme o que consideravam mais adequado em função da imagem que estavam a visualizar.

3.1.3. Participantes

Os participantes são 25 falantes nativos de chinês, aprendentes de PE L2 (o grupo de teste), e 26 falantes nativos de PE (o grupo de controlo). As idades dos participantes (e, no caso dos não nativos, as suas idades de início de aprendizagem do português) são apresentadas na tabela 1.

	Idade	Idade de início de aprendizagem
chinês L1 (n=25)	17-21 (M=19.6; DP=1.22)	16-20 (M=18.2; DP=0.92)
PE L1 (n=26)	18-22 (M=19,3; DP=1.15)	n.a.

Tabela 1: Participantes no estudo (M=média; DP=desvio padrão)



Todos os falantes nativos de chinês são estudantes universitários, que se encontravam a frequentar um programa de estudos em Portugal, tendo chegado ao país entre 1 e 2 meses antes da realização do teste. Todos frequentavam aulas de português, tendo sido posicionados no início do curso num nível de proficiência intermédio, e todos tinham começado a aprender português na China, em contexto de ensino universitário. O tempo de aprendizagem do português variava entre menos de 1 ano (apenas 1 participante) e 3 anos (2 participantes) ($M=1.36$). Todos tinham inglês como L2.

3.1.4. Hipóteses

Neste trabalho, assumimos uma posição de acesso pleno à Gramática Universal na aquisição de L2 (White, 2003), pelo que predizemos que propriedades gramaticais, incluindo aquelas que estão sujeitas a variação paramétrica, como é o caso da ligação de longa distância (e.g. Manzini & Wexler, 1987), podem ser plenamente adquiridas, tal como acontece na aquisição de L1.

Assumimos igualmente que a transferência de conhecimento linguístico prévio desempenha um papel na aquisição de L2 (White, 2003) e consideramos que, no caso de uma terceira língua, a transferência pode ocorrer quer a partir da L1 quer da L2; de acordo com o *Cumulative-Enhancement Model* (Flynn, Foley & Vinnitskaya, 2004), o fator que determina a escolha da língua que constitui a principal fonte de influência é o potencial efeito facilitador do conhecimento transferido. Assim, no caso particular dos falantes não nativos do nosso estudo, que têm o chinês como L1 e o inglês como L2, esperamos que ocorra transferência do chinês, a língua que permite ligação de longa distância, e que, portanto, estes aprendentes não apresentem dificuldades na interpretação de anáforas em contextos de longa distância.

Por outro lado, uma vez que a interpretação de pronomes fortes não reflexos constitui um fenómeno de interface, envolvendo a integração de conhecimento sintático com outros tipos de conhecimento, predizemos que se desenvolverá mais tarde que a interpretação de clíticos e do pronome forte reflexo, que envolvem apenas conhecimento de propriedades sintáticas (cf. a Hipótese de Interface; e.g. Sorace, 2011).

Tendo em conta estes pressupostos teóricos, colocamos as seguintes hipóteses:

1. Em contexto de frase simples, espera-se que os falantes de PE L2:
 - A. Não apresentem assimetrias na interpretação de pronomes clíticos reflexos e não reflexos, predizendo-se taxas de acerto elevadas com ambos;



- B. Apresentem assimetrias na interpretação de pronomes fortes reflexos e não reflexos, predizendo-se que:
- com os pronomes reflexos, não haja diferenças na aceitação de leitura de correferência com o sujeito relativamente ao grupo de controlo;
 - com os pronomes não reflexos, a aceitação de correferência com o sujeito seja mais elevada do que no grupo de controlo.
2. Em contexto de frase complexa, espera-se que os falantes de PE L2:
- A. Não apresentem dificuldades na seleção de antecedente para o clítico reflexo, predizendo-se taxas elevadas de aceitação de antecedente local e de rejeição de antecedente não local;
- B. Não apresentem assimetrias no estabelecimento de relações de ligação com antecedentes locais e de longa distância com o pronome forte reflexo, predizendo-se taxas elevadas de aceitação de ambos os antecedentes.

3.2. Resultados

Os resultados globais mostram que o grupo de chinês L1 apresenta taxas de acerto mais elevadas com os clíticos não reflexos do que com os reflexos, como se pode ver na figura 1. Porém, a diferença entre os dois tipos de clíticos não é estatisticamente significativa ($t(24) = -1.108$, $p = 0.279$).² Como seria de esperar, observa-se que este grupo tem melhores resultados na condição em que se espera “verdadeiro” como resposta do que na condição em que se espera “falso”, ou seja, têm maior facilidade na aceitação de leituras alvo do que na rejeição de leituras

² As análises estatísticas foram realizadas por meio de testes t para amostras emparelhadas (para as comparações intragrupos) e para amostras independentes (para as comparações intergrupos). Neste estudo, uma diferença é considerada significativa quando $p < 0.05$.



não alvo; a diferença entre as duas é significativa, quer para os reflexos ($t(24)=4.334$, $p<0.001$), quer para os não reflexos ($t(24)=3.000$, $p=0.006$).

Comparando os resultados globais dos dois grupos, verifica-se que o desempenho do grupo de chinês L1 é significativamente pior do que o do grupo de controlo tanto com os clíticos reflexos ($t(49)=-5.851$, $p<0.001$) como com os não reflexos ($t(49)=-4.272$, $p<0.001$).

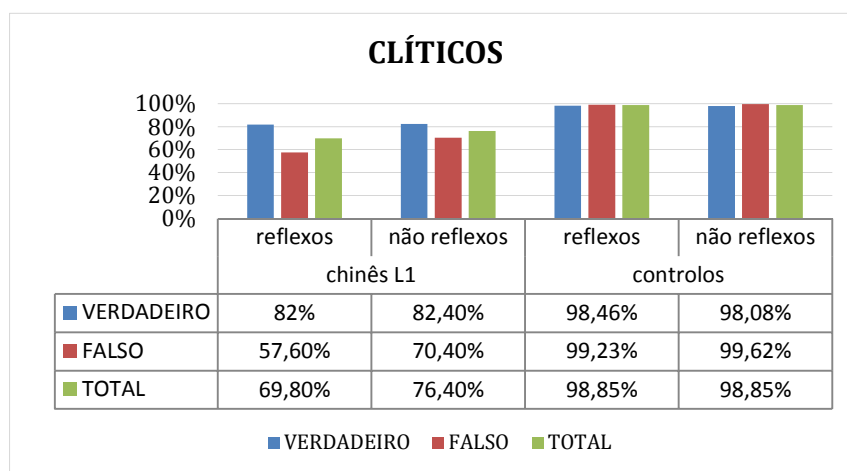


Figura 1: Resultados globais da tarefa 1 (taxas de acerto na compreensão de clíticos em frases simples)

Relativamente à tarefa 2, em que se testava a compreensão de pronomes fortes em frases simples, o grupo de chinês L1 apresenta uma assimetria na interpretação de pronomes fortes reflexos e não reflexos, como mostra a figura 2.

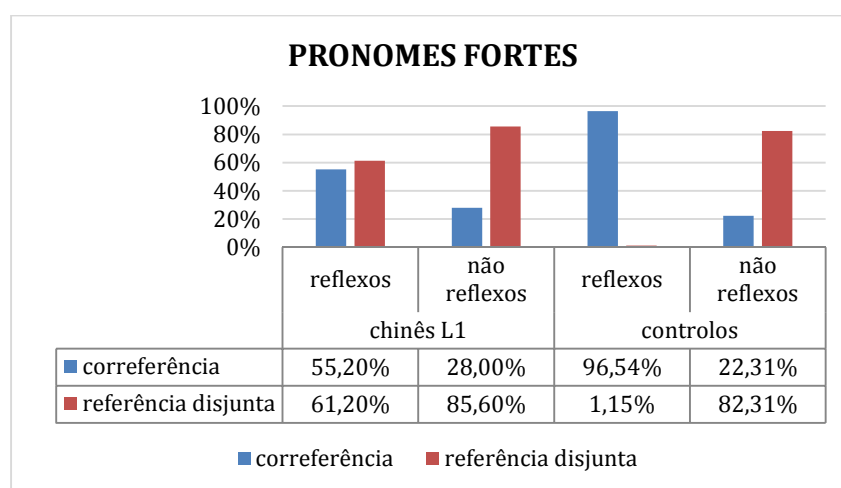


Figura 2: Resultados globais da tarefa 2 (aceitação de leituras de correferência com o sujeito / referência disjunta com pronomes fortes em frases simples)



Com pronomes fortes reflexos, observa-se neste grupo uma aceitação quer da leitura de correferência quer de referência disjunta, não se estabelecendo uma distinção significativa entre as duas ($t(24)=-0.479$, $p=0.636$). Este desempenho contrasta com o dos falantes nativos, que apresentam uma preferência significativa pela leitura de correferência ($t(25)=30.770$, $p<0.001$). Com pronomes fortes não reflexos, no entanto, o desempenho do grupo de chinês L1 aproxima-se do dos falantes nativos, mostrando ambos uma preferência significativa pela leitura de referência disjunta, que contrasta com uma fraca aceitação da leitura de correferência (chinês L1: $t(24)=-8.249$, $p<0.001$; controlos: $t(25)=-5.725$, $p<0.001$).

Porém, quando se comparam as taxas de aceitação de leituras de correferência com as de referência disjunta considerando os dois tipos de pronomes, é interessante constatar que ambos os grupos manifestam uma preferência significativa por uma leitura de correferência com o pronome reflexo (chinês L1: $t(24)=3.974$, $p=0.001$; controlos: $t(25)=12.987$, $p<0.001$) e por uma leitura de referência disjunta com o pronome não reflexo (chinês L1: $t(24)=-3.873$, $p=0.001$; controlos: $t(25)=-15.309$, $p<0.001$).

Comparando os resultados obtidos nas duas tarefas, observa-se que, no que diz respeito aos reflexos, os falantes de chinês L1 apresentam taxas de aceitação significativamente mais elevadas de leituras anafóricas com clíticos do que com pronomes fortes ($t(24)=4.297$, $p<0.001$). Quanto aos falantes nativos, observa-se também uma assimetria, mas com os não reflexos, sendo as suas taxas de aceitação de leituras não anafóricas significativamente mais elevada com clíticos do que com pronomes fortes ($t(25)=3.418$, $p=0.002$).

Uma vez que os falantes nativos não apresentam juízos categóricos no que diz respeito à interpretação dos pronomes fortes não reflexos, foram analisados os resultados individuais dos dois grupos, procurando-se identificar padrões de preferência para cada uma das interpretações (ver tabela 2).³

³ Nesta análise, considerou-se que um participante aceita claramente uma leitura quando o número de respostas “sim” nessa condição é igual ou superior a 8; e, inversamente, um participante rejeita claramente uma leitura quando o número de respostas “sim” nessa condição é igual ou inferior a 2. Considerou-se que um participante apresenta uma preferência clara por uma leitura quando a sua aceitação clara é acompanhada por uma rejeição clara da outra leitura.



	correferência		referência disjunta	
	aceitação	rejeição	aceitação	rejeição
chinês L1	4%	48%	72%	0%
controles	7.69%	57.69%	80.77%	7.69%

Tabela 2: Interpretação de pronome forte não reflexo (em frases simples) – resultados individuais

No grupo de controlo, observa-se que quinze dos participantes apresentam uma preferência pela leitura de referência disjunta e apenas dois manifestam uma preferência pela leitura de correferência. No grupo de falantes não nativos, onze exibem uma preferência pela leitura de referência disjunta e um apresenta uma aceitação elevada de ambas as leituras.

Observemos agora a figura 3, com os resultados obtidos na tarefa 3, ou seja, em frases complexas.

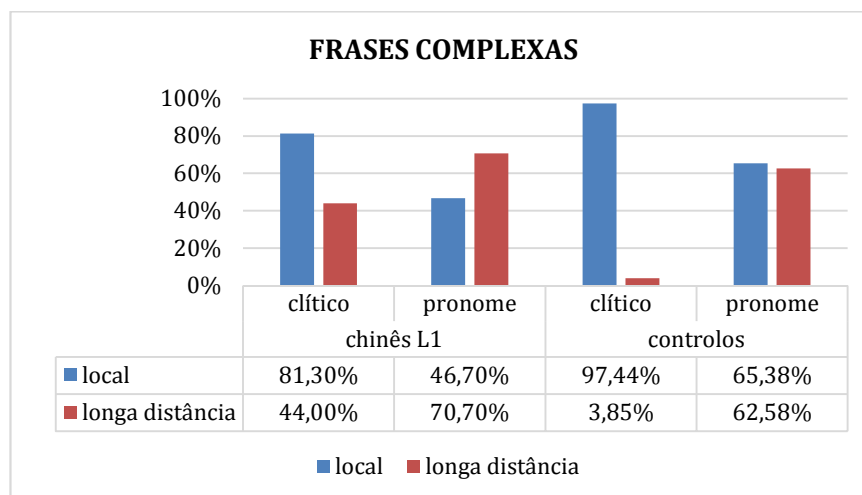


Figura 3: Resultados globais da tarefa 3 (taxas de aceitação de ligação local e de longa distância na compreensão de reflexos em frases complexas)

Em frases complexas, observa-se um contraste entre o grupo de chinês L1 e o grupo de falantes nativos relativamente à aceitação do sujeito da matriz como antecedente do clítico reflexo na oração subordinada, que é significativamente mais elevada no grupo de chinês L1 ($t(49)=5.831$, $p<0.001$). Quanto ao pronome forte 'si', ambos os grupos aceitam quer um antecedente local quer um antecedente não local para o pronome, e a diferença entre as duas leituras não é significativa (chinês L1: $t(24)=-2.854$, $p=0.009$; controlos: $t(25)=-0.155$, $p=0.878$). No entanto, a comparação dos resultados dos dois grupos revela uma diferença estatisticamente significativa na aceitação de um antecedente local para o pronome, que é mais



elevada no grupo de controlo ($t(49)=-33.074$, $p=0.003$) (não se observam diferenças na aceitação de um antecedente não local: $t(49)=1.054$, $p=0.297$). É interessante observar, porém, que, em ambos os grupos, as taxas de aceitação de um antecedente local para o pronome reflexo são significativamente mais baixas neste contexto do que as que se observaram nas frases simples (chinês L1: $t(24)=6.311$, $p<0.001$; controlos: $t(25)=20.817$, $p<0.001$).

A análise dos resultados individuais (ver tabela 3) confirma a elevada variabilidade que se verifica nos dois grupos no que diz respeito à interpretação do pronome ‘si’ em frases complexas.⁴

	leitura local		leitura de longa distância	
	aceitação	rejeição	aceitação	rejeição
chinês L1	32%	52%	60%	20%
controlos	53.84%	15.38%	38.46%	26.92%

Tabela 3: Interpretação de ‘si’ em frases complexas – resultados individuais

Considerando as preferências individuais, observa-se que, no grupo de chinês L1, cinco dos participantes apresentam uma preferência pela leitura local e onze por uma leitura de longa distância. No grupo de falantes nativos, sete demonstram uma preferência pela leitura local e três pela leitura de longa distância.

4. Discussão e conclusões

Tendo em conta os objetivos deste estudo e os resultados obtidos, pode afirmar-se que o estatuto gramatical do pronome é relevante na aquisição de PE L2. Por um lado, o comportamento do grupo de falantes não nativos confirma a hipótese 1A, não revelando assimetrias na interpretação de pronomes clíticos reflexos e não reflexos em frases simples. Contudo, os resultados mostram também que, no nível intermédio, estes falantes apresentam ainda dificuldades na interpretação de pronomes clíticos – em particular, verificámos que, ao contrário dos nativos, têm maiores dificuldades na rejeição de frases agramaticais do que na aceitação de frases gramaticais, o que sugere que o conhecimento destas propriedades não

⁴ Considerou-se que um participante aceita claramente uma leitura quando o número de respostas “sim” nessa condição é igual ou superior a 5; e, inversamente, um participante rejeita claramente uma leitura quando o número de respostas “sim” nessa condição é igual ou inferior a 2. Além disso, considerou-se que um participante apresenta uma preferência clara por uma leitura quando a sua aceitação clara é acompanhada por uma rejeição clara da outra leitura.



estabilizou ainda nas gramáticas dos aprendentes; e, em geral, exibem um desempenho significativamente pior do que o dos controlos nativos. Estes resultados indicam que as propriedades sintáticas que governam a distribuição dos clíticos reflexos e não reflexos poderão estar sujeitas a atrasos no desenvolvimento, sobretudo no caso de aprendentes cuja L1 não possui pronomes clíticos.

Por outro lado, no que diz respeito aos pronomes fortes em contexto de frase simples, confirma-se que, embora a leitura anafórica seja selecionada mais frequentemente com pronomes reflexos e a leitura não anafórica com os pronomes não reflexos, os falantes não nativos apresentam uma assimetria na interpretação dos dois tipos de pronomes (hipótese 1B); contudo, esta assimetria não é a que se esperava. Assim, observam-se dificuldades na interpretação de pronomes reflexos (permitindo os falantes não nativos quer leituras anafóricas quer não anafóricas), mas não na de pronomes não reflexos, que, à semelhança dos falantes nativos, os não nativos interpretam preferencialmente como disjuntos do sujeito frásico. No que diz respeito aos não reflexos, observou-se também um nível elevado de variação individual, tanto no grupo de chinês L1 como no grupo de controlos nativos.

Os resultados obtidos com os pronomes fortes contrastam quer com os que se têm verificado na aquisição de L1 (e.g. Silva, 2015), quer com os de outros estudos sobre a aquisição de L2 (e.g. Shirahata, 2007; Kim, Montrul & Yoon, 2014). As dificuldades na interpretação de pronomes reflexos não parecem dever-se a problemas com o princípio da ligação relevante, pois, se assim fosse, esperar-se-ia encontrar evidência de dificuldades semelhantes na interpretação dos clíticos reflexos, o que não acontece. Uma explicação alternativa para estes resultados poderá prender-se com a ambiguidade associada ao pronome ‘si’, que, para além de ser um pronome reflexo, funciona também como pronome formal de 2ª pessoa do singular, sendo esta uma leitura a que é dado destaque num contexto de aprendizagem formal da língua.

Relativamente às frases complexas (com dois possíveis antecedentes para o pronome), importava perceber se a posição do antecedente, local ou não local, é relevante para a interpretação dos reflexos e se os falantes não nativos demonstram conhecimento das diferentes propriedades sintáticas do clítico ‘se’ (que requer ligação local) e do pronome ‘si’ (que funciona quer como anáfora local quer como anáfora de longa distância). Os resultados mostram que, ao contrário do que é predito pela hipótese 2A, o grupo de chinês L1 aceita antecedentes não locais para o clítico ‘se’, mostrando não ter ainda adquirido as condições de localidade a que esta forma está sujeita. Estes resultados indicam, mais uma vez, que o conhecimento das



propriedades sintáticas que regulam a distribuição dos pronomes clíticos se desenvolve tarde, o que poderá estar relacionado com a ausência destas formas da L1 dos aprendentes.

Quanto ao pronome forte ‘si’, os resultados confirmam (de acordo com a hipótese 2B) a inexistência de assimetrias no estabelecimento de relações de ligação com antecedentes locais e de longa distância com o pronome forte reflexo, em ambos os grupos. No entanto, a predição de que os falantes não nativos registariam taxas elevadas de aceitação de ambos os antecedentes não se verifica – de facto, as taxas de aceitação de antecedentes locais e não locais para o reflexo ‘si’ situam-se entre os 46.7% e os 70.7%, no grupo de chinês L1, e entre os 62.6% e os 65.4%, no grupo de controlo, sendo mesmo a aceitação de antecedentes locais mais baixa neste contexto do que em frases simples (embora, como observámos, se registre alguma variação individual nos dois grupos). A rejeição do sujeito local como antecedente potencial da anáfora em frases complexas é um efeito que tem sido observado, em alguns estudos, em falantes nativos de línguas com ligação de longa distância, sugerindo que a existência de um antecedente alternativo (o sujeito da oração matriz) poderá influir adversamente na aceitação de uma leitura de ligação local (e.g. Thomas, 1991).

No caso dos falantes não nativos do nosso estudo, observa-se uma preferência (não significativa) pela leitura de ligação de longa distância, que poderá indiciar influência da L1 – a presença, neste contexto, das condições que tornam possível ligação de longa distância em chinês (os dois potenciais antecedentes são NPs animados, em posição de sujeito, e concordam em pessoa e número) poderá favorecer esta interpretação para a anáfora, o que pode ser visto como uma estratégia dos falantes não nativos para resolverem a ambiguidade que está associada a estas estruturas. Este é um efeito que também tem sido observado noutros estudos: por exemplo, os falantes de japonês L1 no estudo de Yuan (1998) sobre a aquisição de chinês L2 também revelam uma preferência pela interpretação de longa distância em frases equivalentes, (i.e., sem um contexto prévio); por outro lado, Domínguez et al. (2012) mostram que os seus falantes de coreano L1 apresentam taxas de aceitação baixas do antecedente local nestes contextos em inglês L2 (ver secção 2 acima).

Uma questão que deixamos em aberto prende-se com o facto de, ao contrário do que se verifica na aquisição de PE L1 e do que tem sido observado na aquisição de outras L2s, os aprendentes de PE L2 do nosso estudo exibirem dificuldades na interpretação de pronomes fortes reflexos, mas não na de pronomes fortes não reflexos. Para além disso, interessa explorar melhor as razões pelas quais quer os falantes não nativos quer os nativos apresentam grande



variação na interpretação da anáfora ‘si’ em frases complexas. Esta variação poderá dever-se, como sugerimos acima, aos custos de processamento associados a estas frases, por se tratar de frases potencialmente ambíguas, que são apresentadas sem um contexto prévio que oriente a sua interpretação – ou seja, trata-se de contextos em que a identificação dos antecedentes possíveis do pronome reflexo apresenta maiores dificuldades.⁵ Para determinar se este é um fator relevante, será necessário comparar o desempenho dos falantes nesta tarefa, em que não havia um contexto prévio, com o seu desempenho numa tarefa em que seja fornecido um contexto que favoreça uma ou outra interpretação.

Estas são, sem dúvida, pistas interessantes que teremos em consideração na tentativa de dar resposta às questões que ficam pendentes do presente trabalho.

Referências

- Brito, Ana Maria (2003) Tipologia e distribuição das expressões nominais: Distribuição das expressões anafóricas. In M.H. Mateus et al. (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 801-915.
- Chien, Yu-Chin & Ken Wexler (1990) Children’s knowledge of locality conditions in binding as evidence for the modularity of syntax and pragmatics. *Language Acquisition 1*, pp. 225-295.
- Domínguez, Laura, Glyn Hicks & Hee-Jeong Song (2012) Untangling Locality and Orientation Constraints in the L2 Acquisition of Anaphoric Binding: A Feature-Based Approach. *Language Acquisition 19* (4), pp. 266-300.

⁵ Dois avaliadores anónimos sugerem que, na base destes resultados pouco consistentes, poderá estar um problema metodológico. Assim, as questões que eram colocadas aos participantes (por exemplo, “O avô acha que o rapaz está a secar-se?”) podem ser consideradas potencialmente ambíguas, na medida em que poderão ser interpretadas pelos participantes como perguntas sobre o valor de verdade, não da subordinada, mas sim da subordinante. Neste caso, e já que as imagens não fornecem aos participantes qualquer informação que lhes permita chegar a conclusões acerca das crenças do sujeito da subordinante, surgem dúvidas quanto às razões que os poderão levar a responder afirmativamente ou negativamente às questões, o que compromete a interpretação dos resultados. Reconhecemos que o desenho da tarefa poderá, de facto, ter influenciado os resultados, contribuindo para os tornar menos claros. No entanto, como referimos no texto, as tendências para que estes resultados apontam são corroboradas pelos resultados encontrados noutros estudos sobre ligação de longa distância na aquisição de L2.



- Fiéis, Alexandra & Ana Madeira (2016) Interpretação de pronomes e aquisição de dependências referenciais em português L2. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, nº 2, pp. 253-264 (<https://doi.org/10.21747/2183-9077/rapl2a11>).
- Flynn, Suzanne, Claire Foley & Inna Vinnitskaya (2004) The cumulative-enhancement model for language acquisition: comparing adults' and children's patterns of development in first, second and third language acquisition. *International Journal of Multilingualism* 1(1), pp. 3–17.
- Grolla, Elaine (2006) The acquisition of A- and A'-bound pronouns in Brazilian Portuguese. In V. Torrens & L. Escobar (orgs.) *The Acquisition of Syntax in Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 227-250.
- Kim, Eunah, Silvina Montrul & James Yoon (2014) The on-line processing of binding principles in second language acquisition: Evidence from eye tracking. *Applied Psycholinguistics* 36 (6), pp. 1317-1374. doi: 10.1017/S0142716414000307.
- Lasnik, Howard (1976) Remarks on Coreference. *Linguistic Analysis* 2, pp. 1-22.
- Lee, Kum-Young (2008) The role of pragmatics in reflexive interpretation by Korean learners of English. In M. Bowles et al. (orgs.) *Selected Proceedings of the 2007 Second Language Research Forum*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 97-112.
- Manzini, Maria Rita & Ken Wexler (1987) Parameters, binding theory, and learnability. *Linguistic Inquiry* 18(3), pp. 413-444.
- Partee, Barbara H. (1978) Bound variables and other anaphors. In D. L. Waltz (org.) *Theoretical Issues In Natural Language Processing 2 (TINLAP-2)*. Urbana, IL: University of Illinois, pp. 79-85 (reprinted in Partee, Barbara H. (2004) *Compositionality in Formal Semantics: Selected Papers by Barbara H. Partee*. Oxford: Blackwell, pp. 110-121).
- Silva, Carolina (2015) Interpretation of clitic, strong and null pronouns in the acquisition of European Portuguese. Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Shirahata, Tomohiko (2007) Interpretation of English pronouns and reflexives by Japanese learners. *Shizuoka University Department of Education Bulletin* 57, pp- 141-156.
- Sorace, Antonella (2011) Pinning down the concept of 'interface' in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism* 1(1), pp. 1-33.



- Sperlich, Darcy (2013) The Acquisition of Long-Distance Reflexives in Chinese as an Interlanguage: An Experimental Study. Tese de doutoramento, Universidade de Auckland.
- Thomas, Margaret (1991) Universal Grammar and the interpretation of reflexives in a second language. *Language* 67, pp. 211-239.
- White, Lydia (2003) *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Yuan, Boping (1998) Interpretation of binding and orientation of the Chinese reflexive *ziji* by English and Japanese speakers. *Second Language Research* 14 (4), pp. 324-340. doi: 10.1191/026765898670904111.

